

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do *Skoob*. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 28-51, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

COMUNIDADE DISCURSIVA E REDES SOCIAIS:
OS RESENHADORES DO *SKOOB*

DISCURSIVE COMMUNITY AND SOCIAL MEDIAS:
SKOOB REVIEWERS

Júlio ARAÚJO
(Universidade Federal do Ceará)
araujo@ufc.br

Melissa Maria do Nascimento SOUSA
(Universidade Federal do Ceará)
melissamariadnsousa@gmail.com

Janaina Muniz CAVALCANTI
(Universidade Federal do Ceará)
jmunizhist@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, nosso objetivo é caracterizar os resenhadores da rede social literária *Skoob* como membros de uma genuína Comunidade Discursiva. Em função disso, a base teórica do trabalho procede dos postulados de Swales (1990, 1992) e de seus divulgadores. Os dados foram construídos com base em nossa experiência etnográfica na referida rede social, que nos permitiu uma participação imersiva nas interações desse agrupamento humano. Com base em nosso exercício de análise, é possível não apenas reivindicar o status de comunidade discursiva para os resenhadores do *Skoob* como também demonstrar a adaptabilidade das considerações teóricas de Swales em ambientes digitais.

PALAVRAS-CHAVE: *Skoob*; Comunidades Discursivas; Ambientes Digitais.

ABSTRACT: *This paper aims to characterize the Skoob reviewers as members of a genuine discursive community. Its theoretical framework brings concepts postulated by Swales (1990; 1992) and by the disclosers of his ideas. Data were constructed on a literary social media, the Skoob, based on an ethnographical experience, which allowed an immersive participation in the interactions of that human grouping. Two meaningful outcomes result from the data analytical exercise: it is possible not only to claim a discursive community status for Skoob*

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do *Skoob*. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 28-51, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

reviewers, but also to demonstrate the adaptability of the theoretical statements of Swales taking in consideration the digital environments.

KEYWORDS: *Skoob; Discursive Communities; Digital Environments.*

0. Introdução

Em uma entrevista ao jornal online *Biblio*, Lindemberg Moreira, idealizador da rede social lançada em janeiro de 2009, foi questionado sobre como surgiu a ideia de construção do *Skoob*¹. Segundo ele, uma discussão com os amigos sobre livros gerou pequenos conflitos de opinião, inspirando o analista de sistemas a desenvolver um projeto de criação de um espaço na web onde as pessoas pudessem ler e escrever suas opiniões sobre livros lidos, trocando experiências literárias amplamente. Foi desenvolvida, então, a interface *Skoob* que permitiu o funcionamento de uma rede social para leitores. Muitas das ferramentas disponíveis neste ambiente foram contribuições ou sugestões dadas pelos próprios usuários que, evidenciando sua crescente aderência, colaboraram com o propósito de construir um espaço no qual todos pudessem se unir em torno de objetivos comuns.

O nome *Skoob* é curioso, pois, na verdade, é a palavra "books" - "livro" em inglês - escrita ao contrário. A obviedade não passa do nome dado à rede, pois a criatividade e a ponte entre as atividades de ler e escrever estreitam laços, incentivando o surgimento de verdadeiros produtores textuais. Nesta rede social, através da produção de resenhas, vemos autênticos aspirantes a escritores que, a partir de suas leituras, mantêm o ciclo da literatura em movimento, tecendo e compartilhando suas opiniões criteriosas. Sem dúvida, a produção e reprodução de conhecimento por meio da leitura e da escrita de resenhas corroboram para que sejam deixados, nesta rede social, registros culturais de diferentes pensamentos e diferentes épocas.

Em função disso, problematizamos a prática discursiva de trocar informações sobre livros na rede social *Skoob* como indícios de que o ato de resenhar nesse ambiente despertou o senso de comunidade discursiva entre as pessoas que compõem essa rede sócioliterária. Diante dessa suposição de trabalho, recorreremos aos pressupostos teóricos de John Swales (1990; 1992), linguista conhecido por desenvolver um método de análise de gêneros, por ele designado de *Create a Research Space*, ou simplesmente, CARS.

¹ A entrevista na íntegra pode ser lida em <https://biblio.cartacapital.com.br/skoob-lindemberg-moreira/>

Por meio desse método, Swales (1984) demonstrou a maneira pela qual as informações se distribuem na composição textual das introduções de um artigo acadêmico. O sucesso dessa proposta analítica de gêneros acadêmicos foi ampliada por outros autores e logo estudos sobre os movimentos retóricos de resumo (BIASI-RODRIGUES, 1998), resenhas acadêmicas (MOTTA-ROTH, 1995; ARAÚJO, 1996; BEZERRA, 2001) e vídeo-resenhas literárias (ARAÚJO et al, 2018; LIMA et al, 2019) começaram a despontar na seara da pesquisa linguística.

O trabalho de Swales, contudo, nunca isolou o gênero de suas comunidades discursivas (doravante CD), de modo que uma análise de um gênero não seria completa sem o estudo dos contextos nos quais tal gênero circula. Para Swales (1990: 9, tradução nossa), "os gêneros são propriedades das comunidades discursivas; o que quer dizer que os gêneros pertencem a comunidades discursivas, e não aos indivíduos"².

Com base nessas considerações e tendo em vista a amplitude do universo da rede social *Skoob*, o objetivo a que nos propomos neste artigo³ é o de caracterizar os resenhadores *scoobers* como uma CD, com base na análise dos mecanismos de intercomunicação e participação, dos gêneros apropriados pelos *Scoobers* e do léxico específico inerente às práticas discursivas ambientadas nessa plataforma.

A organização das informações do presente artigo, além desta introdução, se manifesta, ainda, por meio de uma discussão teórica sobre gêneros e CD, de uma seção de metodologia por meio da qual evidenciamos a nossa imersão etnográfica na referida rede social, de uma análise e discussão dos dados e, finalmente, das conclusões a que conseguimos chegar.

1. Fundamentação teórica

Quando pensamos em gêneros na perspectiva de Swales (1990; 1992), imediatamente pensamos em seu constructo sobre CD, pois ambos os conceitos se interpenetram, sendo impossível estudar um sem o outro. Como podemos observar, a definição de gênero para este autor tem, em sua base, a própria noção de CD. Segundo ele,

²"In consequence, genres are the properties of discourse communities; that is to say, genres belong to discourse communities, not to individuals, other kinds of grouping or to wider speech communities".

³ Este artigo é oriundo de uma pesquisa maior cujos resultados se referem à sexta etapa de um projeto chamado "Reelaboração de gêneros em redes sociais" (REGE). Com o apoio do CNPq, projeto REGE é desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa Discursos e Digitalidades (DIGITAL), do Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Letras Vernáculas na Universidade Federal do Ceará.

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos com um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros experientes da respectiva comunidade discursiva, constituindo, assim, o fundamento lógico para o gênero. Esse fundamento molda a estrutura esquemática do discurso, influenciando e restringindo as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é tanto um critério privilegiado como um critério que opera para atingir o escopo de um gênero tal como aqui concebido, estritamente focado em ações retóricas comparáveis. Além do propósito, os exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência pretendida. Se todas as expectativas de probabilidade mais altas forem realizadas, o exemplar será visto como prototípico pelos membros da CD. Os nomes de gêneros herdados e produzidos pelas comunidades de discurso e importados por outras constituem valiosas comunicações etnográficas, mas tipicamente necessitam de validação posterior. (SWALES, 1990: 58, tradução nossa)⁴.

Conforme podemos perceber nessa citação, um gênero nunca será uma peça estranha para os membros da CD onde ele circula, pois cada texto tem os seus padrões de similaridade que atendem à estrutura, ao estilo, ao conteúdo e à audiência esperada pelos membros da CD. Em uma etapa anterior do Projeto REGE, Lima et al (2019) descreveram padrões de similaridades de vídeo-resenhas do BookTube, atestando que

as vídeo-resenhas apontam para a reelaboração do gênero resenha acadêmica, pois, mesmo produzindo uma resenha, os booktubers desenvolvem uma nova standardização

⁴ "A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused in comparable rhetorical action. In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community. The genre names inherited and produced by discourse communities and imported by others constitute valuable ethnographic communication, but typically need further validation."

desse gênero, a fim de estabelecer uma relação mais horizontal com o público, por isso perfazem uma reconstrução retórica do gênero, a partir da inclusão dos moves de apresentação e despedida, bem como das subfunções de citar partes da obra resenhada e de solicitar comentários (LIMA et al, 2019: 529)

Além de descrever os movimentos retóricos das vídeo-resenhas, outros estudos vinculados ao Projeto REGE também ajustaram as lentes para descrição de comunidades discursivas virtuais, como é o caso da pesquisa de Vieira (2018), o qual, por meio de um estudo etnográfico, evidenciou que o BookTube⁵ preenchem todos os critérios estabelecidos por Swales de uma CD.

Ao longo de seus trabalhos, Swales define CD como

um grupo sócio-retórico heterogêneo que compartilha objetivos e interesses ocupacionais ou recreativos, distinguindo-se de comunidade de fala, definida como um grupo sociolinguístico homogêneo de pessoas que compartilham região geográfica e *background*. (SWALES, 1992: 08)⁶.

Para dar corpo a esse conceito, Swales estabelece seis critérios que passaram por meticulosos processos de reelaboração pelo próprio autor, tendo em vista as várias críticas sofridas por suas primeiras análises que deixavam lacunas (1990; 1992; 1993; 1998)⁷.

No trabalho de 1992, adotado para a nossa análise, por exemplo, Swales determina que os membros de uma CD:

- 1) Compartilham os mesmos objetivos ou interesses;
- 2) Realizam suas práticas discursivas por meio de mecanismos de intercomunicação;
- 3) Utilizam mecanismos de participação, os quais permitem o feedback e a participação dos membros;
- 4) Elaboram ou apropriam-se de um ou mais gêneros para articularem suas atividades e objetivos em comum;
- 5) Elaboram léxico específico para o uso do gênero e
- 6) Possuem uma organização hierárquica na qual os membros novatos são inseridos nas práticas do grupo por membros especializados.

⁵ Como explica Vieira (2018, p. 13), "*Booktube* é como são denominados os canais do YouTube produzidos pelos *booktubers*, indivíduos que usam a plataforma para falar de livros, discuti-los e resenhá-los".

⁶ Tradução de Benedito Bezerra.

⁷ Em função do espaço de que dispomos, não iremos remontar o processo de criação e de reformulação do conceito de Comunidade Discursiva de Swales. Para conhecer um pouco sobre essa história, sugerimos a leitura dos trabalhos citados de Swales, além do trabalho de Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009).

Swales (1992) considera que cada CD deve possuir seus diferentes mecanismos de inter-relação que ajudarão na manutenção do propósito comunicativo, fornecendo os objetivos e a razão de ser a esse grupo. A existência e circulação desses mecanismos suscitam em seus membros o sentimento de pertença a um lugar-comum, estimulando o funcionamento da comunidade na qual estão inseridos. Isto se explica na medida em que os membros fazem uso desses recursos, sentindo-se sujeitos engajados nas atividades que envolvem sua comunidade.

A atividade constante de interação por meio desses mecanismos proporciona um *feedback* dos participantes, evidenciando seu papel como autores e consumidores de tudo aquilo que encontram na CD a qual pertencem. Vale ressaltar que os gêneros compartilhados nessas comunidades discursivas são encarados por nós, também, como mecanismos de interação, além de revelar o alcance dos propósitos comunicativos comuns aos membros de determinada CD. Os gêneros podem ser adaptáveis aos moldes de quem os utiliza num grupo social e podem ser criados ou atualizados de acordo com a maleabilidade das condições contextuais de seus espaços de realização. Este critério não passou por reformulações nos demais trabalhos de Swales (1993; 1998), uma vez que sem mecanismos não há interação, logo não há comunidades.

No que tange às terminologias utilizadas pelos membros das CDs, Swales em 1992 - em contraparte do que considerou em 1990 - entende que não há um léxico pré-definido para cada grupo social. Contudo, mesmo passando por processos de rejeição e adoção de novos termos a serem usados exclusivamente por determinados ambientes, sua especificidade se dá de modo a conferir identidade autêntica aos membros de uma CD, isto é, uma CD distingue-se de outra por seus membros de comunicarem linguisticamente de modos distintos.

Para o presente artigo, utilizamos como base as reformulações propostas por Swales em 1992, acima, acrescentando as reformulações vindas de Vieira (2018), que enxugou os critérios por entender que eles se repetiam. Em função disso, consideramos apenas 3 dos seus 6 critérios, a saber: 1) mecanismos de intercomunicação e participação; 2) gêneros apropriados pelos *Skoobers* para promover essa comunicação singular da CD e 3) léxico específico inerente às interações na plataforma. Desse modo, no âmbito do Projeto REGE, entendemos que

os critérios que discorrem sobre os mecanismos de participação e sobre as ferramentas de intercomunicação guardavam semelhanças - ainda mais quando a comunidade é formada dentro de um espaço de trocas comunicativas, como um site de rede social (SRS) - e, por isso, optamos por analisá-los sem

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do *Skoob*. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 28-51, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

distinção, uma vez que os mecanismos que mantêm a participação dos sujeitos são as próprias ferramentas de comunicação. (VIEIRA, 2018: 82).

A partir dos critérios supracitados, a nossa hipótese de trabalho foi a de que os resenhadores do *Skoob* preenchem as características de uma genuína CD virtual, pois instauram práticas culturais nessa rede social pelas quais se distinguem das outras comunidades, além disso, realizam atividades sociais de acordo com as suas convenções discursivas específicas, compartilham os mesmos interesses e elaboram, adaptam e utilizam mecanismos para as interações entre seus membros.

Evidenciada a base teórica sobre a qual se ergue a nossa proposta de análise, passamos a descrever a metodologia que tornou possível o nosso estudo etnográfico da CD dos resenhadores do *Skoob*.

2. Metodologia

Nossa opção pela etnografia se deve ao fato de que o próprio Swales (1990; 1998; 2004) propõe essa abordagem para o estudo de CD, tendo em vista que tal abordagem nos possibilita o exercício de uma observação atuante do contexto, permitindo uma descrição dos pormenores expressos no ambiente que nos propomos a investigar.

Schwartz & Schwartz (1969) distinguem dois perfis de pesquisadores numa perspectiva etnográfica: *observador participante ativo* e *observador participante passivo*. Adotamos o primeiro tipo de perfil, uma vez que, inseridos no contexto do *Skoob*, nos utilizamos dos mecanismos que a rede fornece, mesmo que minimamente, nos deixando modificar pela dinâmica social deste ambiente.

Salientamos, no entanto, que nossa interação com a comunidade de resenhadores não passou do nível observacional, a fim de gerar os dados e interpretá-los, não implicando diálogos entre nós e os usuários dos perfis observados. Para protegermos a face dos donos dos perfis analisados, ocultamos as identidades de cada resenhador, pondo adesivos ilustrativos em suas fotos de perfil e borrando seus nomes com mecanismos de edição, para contemplar a dimensão ética da pesquisa. Desse modo, nesta seção, primeiro descrevemos o ambiente da rede social *Skoob* para depois mostrarmos esse ambiente como um espaço propício a práticas de resenhas e, finalmente, evidenciarmos como chegamos aos dados.

2.1 Sobre o *Skoob*

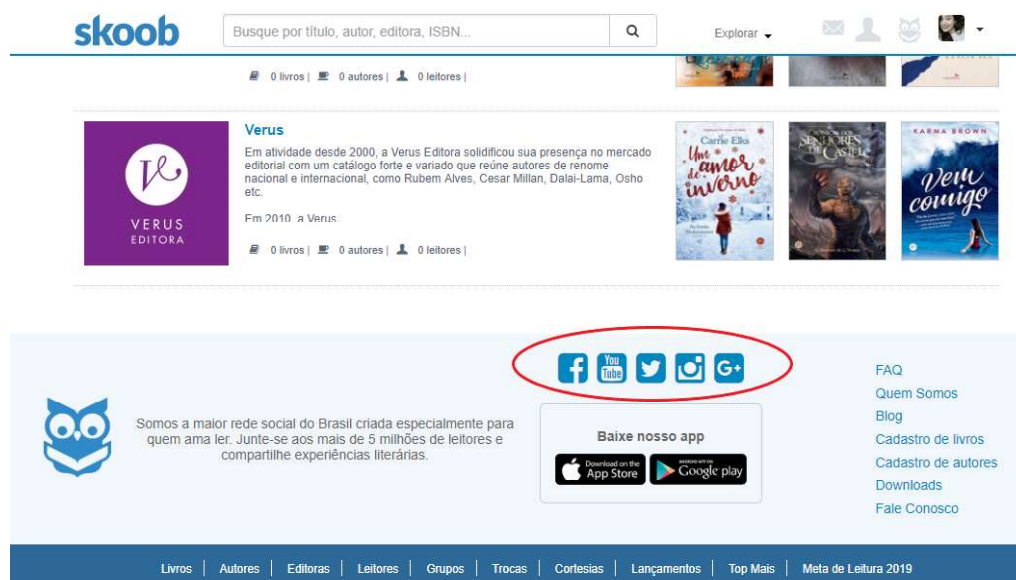
A etnografia que realizamos nessa rede social nos permite afirmar que participar de interações em um contexto digital não reduz os

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do *Skoob*. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 28-51, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

internautas ao nível da mera navegação nos mecanismos oferecidos pela interface da rede, mas também fornece forte incentivo e fomento à leitura, interpretação e produção textual de forma mais ampla, mesclando semioses como imagem e texto. Sites de redes sociais como *Skoob* carregam uma grande responsabilidade social, pois o seu caráter inter-relacional ultrapassa suas próprias funcionalidades, tendo ligação com lojas de comércio eletrônico como Saraiva, Americanas.com e Submarino.

Lindemberg Moreira, o analista de sistemas criador do *Skoob*, em entrevista já aludida aqui, afirmou que não desenvolveu a rede com o intuito de fazer negócios e não imaginava que houvesse tanta aderência por parte dos usuários, que se multiplicavam com muita rapidez. Contudo, como bem mostra Vieira (2018: 38), em relação à sua pesquisa com os *BookTubers*, "os criadores de conteúdos podem "fechar parcerias" com empresas e divulgar as marcas como conteúdos dos vídeos produzidos por eles. Os *booktubers*, por exemplo, costumam ser parceiros de editoras de livros e de livrarias". A mesma coisa acontece com os resenhadores do *Skoob*. Além disso, a linkagem com outras redes sociais como *Twitter* e *Facebook* mostra onde o conteúdo postado pode aparecer com um clique e simultaneamente nas redes sociais cadastradas pelo usuário, como mostramos, a seguir, por meio das figuras 1 e 2.

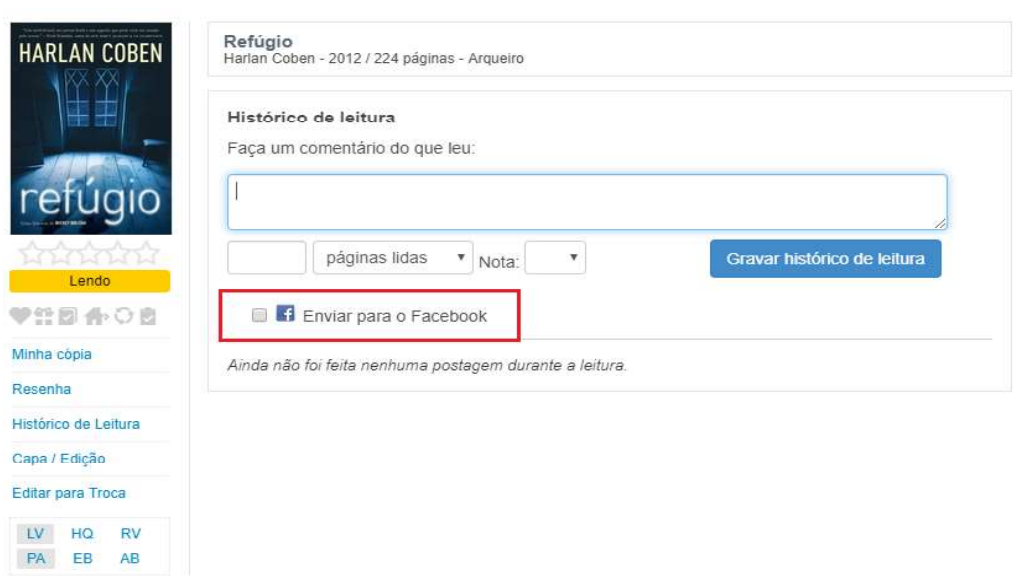
Figura 1 – Ligação do *Skoob* com outras redes sociais e sites da web



Fonte: dados da pesquisa.

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do *Skoob*. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 28-51, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Figura 2 – Caixa de histórico de leitura: ligação direta com o Facebook cadastrado previamente.



Fonte: dados da pesquisa.

Feita a descrição parcial das possibilidades interativas que o *Skoob* oferece, passamos a discorrer sobre um dos mais importantes e singulares recursos do *Skoob*: o espaço para produção de resenhas.

2.2 O *skoob* como espaço para o ato de resenhar

Para que se forme uma CD é preciso que se cumpra uma série de princípios. O estabelecimento de uma língua ou sistema linguístico comum a todos os membros da comunidade, por exemplo, pode ser tomado como um dos princípios-base para essa formação, pois promove uma das características primárias de toda coletividade: a interação social. Um dos gêneros por meio do qual os *skoobers* interage é a resenha. O próprio ambiente oferece ferramentas que permitem a produção e publicação de resenhas, a organização de leituras numa espécie de estante virtual, viabilizando o acesso dos usuários a resenhas dos livros lidos, movimentando um ciclo literário acessado e compartilhado entre os *skoobers*.

Nesta rede social colaborativa, além da troca de experiências literárias, é possível estabelecer novas amizades, fazer comentários sobre as atividades de leitura uns dos outros, emprestar ou trocar livros, entre outros mecanismos que convidam o usuário a preencher suas atividades online.

Segundo Marcuschi (2004), os ambientes virtuais co-ocorrem, em importância, entre as práticas comunicativas que envolvem som e papel (modalidades oral e escrita), pois são extremamente versáteis, mesclando texto verbal, imagem e som. Partindo desta concepção, percebemos que a velocidade da veiculação de informações e a maleabilidade do uso de recursos linguísticos em múltiplas semioses, garantem ao ambiente virtual uma atração de público de modo crescente. Na rede socioliterária *Skoob*, texto e imagem se alternam construindo, através das resenhas e das demais ferramentas semióticas, uma espécie de vitrine para a qual é direcionada a atenção do leitor à determinada obra. Os resenhadores do *Skoob* tecem suas interpretações do livro resenhado e, ao fim de suas resenhas, geralmente, fornecem uma avaliação de sua experiência como leitor dentro do universo de páginas por eles folheadas e lidas.

A resenha – comumente praticada na esfera acadêmica – possui movimentos retóricos que a caracterizam como um gênero do discurso acadêmico. Esses movimentos funcionam como estágios textuais que estabelecem a coerência da distribuição das informações dispostas em sua composição textual. É importante frisar, ainda, que estes movimentos retóricos não são receitas de como compor resenhas, mas são resultados de pesquisa que mostraram as tendências constatadas a partir de análises deste gênero em periódicos ingleses da década de 90 (MOTTA-ROTH, 1995). A partir dessas observações de tendência na construção textual, foram tecidos os movimentos retóricos como conhecemos hoje. Não existe, contudo, uma ordem canônica para a aparição de cada movimento retórico, ficando a critério do resenhador, optar pela feitura de um ou de outro estágio, de acordo com o que ele deseja enfatizar em seu texto com seu estilo de escrita. Partindo das observações, como mencionado anteriormente, segundo autores como Bezerra (2001), Motta-Roth e Hendges (2010), os movimentos retóricos constituintes da resenha em seu contexto acadêmico são: **apresentação, descrição, avaliação e recomendação**⁸.

Entretanto, em ambientes web, os resenhadores sujeitam esse padrão de escrita aos seus moldes, podendo transitar e intercalar a ordem destes movimentos, tecendo seu texto de acordo com seu propósito comunicativo e suscitando novos fazeres textuais, como bem mostraram Lima et al(2018: 529), a partir da análise que fizeram dos dados de sua pesquisa. Segundo esses autores, "o modelo de Motta-

⁸ Cada movimento retórico ou *move* (SWALES, 1990), tem suas subfunções (MOTTA-ROTH, 1995), estratégias (ARAÚJO, 1996) ou subunidades (BIASI-RODRIGUES, 1998; BEZERRA, 2001). Como não há espaço para detalharmos o modelo e suas variações aqui, sugerimos a leitura das referências citadas nesta nota, pois são ótimos trabalhos de linguistas com os quais nos filiamos.

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do *Skoob*. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 28-51, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Roth (1995) foi reelaborado a fim de contemplar a vídeo-resenha do "BookTube".

Ao investigar o modo como se atualizam os movimentos retóricos da resenha no contexto virtual do *Skoob*, observamos que os resenhadores dispõem de muita criatividade e acrescentam um tom bastante autoral quando o assunto é resenhar livros. Sob este ângulo, é possível encontrar resenhas onde seu autor tece comentários de juízo de valor – que é característico do último movimento retórico – logo no início do texto ou no título, como demonstram as figuras 3 e 4.

Figura 3 – Avaliação positiva de uma resenha logo no título



The screenshot shows the Skoob website interface. At the top, there is a search bar with the text "Busque por título, autor, editora, ISBN..." and a magnifying glass icon. To the right of the search bar are icons for "Explorar", a mail icon, a person icon, a cat icon, and a profile icon. Below the search bar, there is a book cover for "A Coroa" by Kiera Cass. The book cover features a woman in a white dress. To the right of the book cover, the title "A Coroa" is displayed, followed by five stars and the text "minha estante". Below the book cover, the reviewer's name "Andreza Silva Souza" and the date "14/05/2016" are shown. The review title is "Como não poderia deixar de ser... Perfeito!". The review text is as follows: "Leitores queridos, depois de terminar a leitura de 'A Coroa' da talentosa Kiera Cass, estou ainda mais apaixonada pela autora! Que história mais linda e encantadora, este livro, em alguns momentos deixaram os meus olhos marejados, senti os sentimentos de Eadlyn como se fossem meus: cada dúvida, cada alegria, cada tristeza, cada tremor, cada batida do coração; nossa, como foi intenso! Este livro é marcado por muitas reviravoltas, muitos não são o que parecem, sejam eles aliados ou selecionados; os sentimentos da princesa são como um mar revolto, pois, a cada virar de página, um novo sentimento contradiz o que estava descrito na página anterior. Como na vida, as histórias se entrelaçam, uma está ligada à outra, e as decisões tomadas são com base no bem-estar ou não de todos! Uma conversa entre Maxon e Eadlyn é extremamente esclarecedora e reveladora, e particularmente eu amei saber alguns segredos revelados. Para quem anseia em saber o final da Seleção prepare-se: só sabemos quem será o Escolhido nas páginas finais, e isso não deixa a leitura cansativa, muito pelo contrário, só nos mostra o quão humana e justa Eadlyn é, você se surpreenderá com a generosidade desta bela princesa! A leitura é deliciosa, o texto evolui de maneira gradativa e apaixonante, alguns trechos são lindos e marcantes. Blog 'Preciso de mais uma vida para ler tudo o que desejo' site: <http://precisodemaisumavida.blogspot.com.br/>

Fonte: dados da pesquisa.

Figura 4 – Avaliação negativa de uma resenha logo no título

The screenshot shows the Skoob website interface. At the top, there is a search bar with the text 'Busque por título, autor, editora, ISBN...' and a magnifying glass icon. To the right of the search bar are icons for 'Explorar', a mail icon, a person icon, a cat icon, and a profile picture icon. Below the search bar, the word 'decepcionante.' is highlighted in yellow. The main content area shows a book cover for 'Querido John' by Nicholas Sparks. Below the cover, the title 'Querido John' is displayed, followed by a star rating and the text 'minha estante'. A review by Andreza Silva Souza, dated 31/08/2011, is highlighted in yellow. The review text is: 'Decepção... Não tenho outra palavra para descrever este livro... A história tinha tudo para ser perfeita, ela é emocionante, cativante... mais que finalzinho hein.... Na verdade o nome do livro não deveria ser "Querido JOhn" e sim "Dilacerado John" ou "Triste John" ou quem sabe até "Infeliz John".... Detestei...'. The word 'Decepção...' is highlighted in a red box. Below the review, there are icons for 'gostei (1)', 'comentários (2)', and 'comente'. Below the review, there are two more reviews highlighted in yellow. The first is by Silvio, dated 11/09/2011, with the text: 'De pleno acordo! Muio água com açúcar Não detestei, mas não vale a fama que tem.'. The second is by Márcia, dated 23/01/2013, with the text: 'Eu gostei muito... mas o final é só decepção....Adoro Nicholas Sparks... mas realmente existem outros melhores como o homem de sorte entre outros ...'.

Fonte: dados da pesquisa.

2.3 Sobre os dados construídos

No caso do *Skoob*, por serem mais aparentes as atividades em torno da leitura de livros, pudemos elencar, através de ferramentas de busca do próprio site e de prints de tela, descrições de grupos com objetivo de interagir pela troca de livros ou pela realização de encontros pessoais entre *skoobers*, bem como ferramentas de "comentário" que permitem interação direta entre os usuários e os resenhadores. Estes caminhos tornaram apreensíveis os mecanismos de intercomunicação e participação entre os *Skoobers*, quer sejam resenhadores, quer não.

Para flagrar os gêneros circundantes do *Skoob*, dispomos de prints de tela de indícios genéricos dentro desta rede, mas, no intuito de aprofundar o estudo acerca do fazer textual dos resenhadores, não podíamos deixar de olhar para suas resenhas. Portanto, procedimentos no sentido de localizar movimentos retóricos das resenhas feitas no *Skoob*, foram feitos para que pudéssemos interpretar o modo como os *Skoob*-resenhadores reelaboram o gênero resenha dentro do ambiente dessa rede social literária.

Para identificar o léxico específico, analisamos tudo o que constitui a plataforma *Skoob*, vasculhando todas as seções e ferramentas nela presentes para fazer um apanhado de terminologias estranhas a qualquer outro contexto que não o *Skoob* e, a partir da etnografia que nos permitiu apreender seus significados e valores, confeccionamos uma tabela que reúne esses termos e seus conteúdos. Por entendermos que

não há termos particulares ao fazer textual da comunidade resenhadora do *Skoob*, coletamos amostras que estão presentes na plataforma, pois estas a singularizam de outros ambientes da web, mesmo os de proposta semelhante - de socialização literária. Logo, julgamos serem dignas de nota.

Feitas as descrições do ambiente do *Skoob* e como chegamos aos dados, passamos à análise dos resenhadores como uma genuína CD.

3. Análise dos dados

3.1 Dos mecanismos de intercomunicação e participação

De acordo com Swales (1990; 1992), os mecanismos de intercomunicação e de participação dentro da comunidade são úteis para sustentar os valores e o seu sistema de crenças na medida em que tais mecanismos auxiliam no *feedback* e na produção ou recepção de informações adicionais. No trabalho de reformulação dos critérios, este não sofreu nenhuma mudança, pois Swales (1992) entendeu que sem ele a comunicação não seria possível e, portanto, não existiriam as comunidades discursivas. Além dele, o autor ainda mostra os mecanismos de participação como ferramentas que favorecem a evolução da CD. Resultam de nossas observações etnográficas os seguintes aspectos:

1) É possível capturar, por meio dos comentários nas atividades de leitura atualizados no feed de notícias, reações a essas atividades através do emoji que simboliza o "gostei" ou através de texto verbal, o que corrobora para a constante interação.

Figura 5 – Ferramentas "Comentário" e "Gostei"



Fonte: dados da pesquisa.

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do *Skoob*. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 28-51, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

2) Existem, também, grupos com finalidade de auxílio tutorial aos novos membros por antigos membros, no intuito de esclarecer regras, responder dúvidas frequentes e descrever funcionalidades dos mecanismos presentes no *Skoob*. Neste segundo tópico se vê materializado o critério swalesiano de hierarquia existente em uma CD, mas está aqui porque representa, também, um mecanismo de intercomunicação entre usuários.

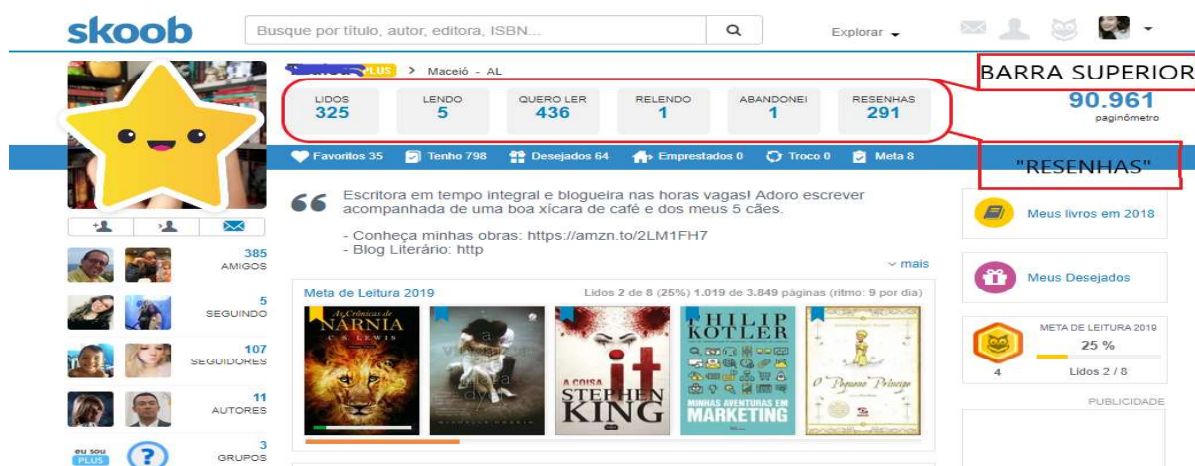
Figura 6 – Grupo “Ajuda” - popular no *Skoob* - consolidando hierarquia auxiliadora



Fonte: dados da pesquisa.

3) há uma ferramenta de bate-papo, característica trivial de outras redes sociais como o *Facebook*, que permite a direta interação dialogal entre os usuários, ultrapassando os limites geográficos impostos entre eles.

Figura 7 – Barra superior (mecanismos de preenchimento) / “Resenhas”



Fonte: dados da pesquisa.

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do *Skoob*. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 28-51, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Enquadram-se na categoria de “Mecanismos de Participação” as seguintes ferramentas:

- 1) Resenhas, podendo funcionar, também, como mecanismo de interação (ver figura 7)
- 2) Ferramentas de preenchimento/registros de leitura (barra superior), demonstradas na figura 8:

Figura 8 – Barra superior: ferramentas: solicitação de amizade e bate-papo



Fonte: dados da pesquisa.

3.2 Dos gêneros textuais dentro do *Skoob*

Para que os mecanismos de intercomunicação e de participação de uma CD se realizem, é preciso que existam gêneros que os manifestem. Assim, os gêneros são reconhecidos pelos membros de suas CD porque estes conhecem e dominam as convenções que tornam cada gênero singular na organização das necessidades enunciativas do grupo. Das nossas observações etnográficas, verificamos que, apesar de a resenha ser o gênero que mais identifica o *Skoob*, existem outros gêneros que circulam nesta plataforma, como, por exemplo, os comentários e chat, já representados aqui pelas figuras 5 e 8, respectivamente. Além deles, os *scoobers* usam a sinopse, facilmente encontrado quando pesquisamos por qualquer livro na rede. A sinopse é usada com o propósito comunicativo de apresentar algum livro de maneira breve ao usuário que pesquisa por ele.

Figura 9 – Gênerosinopse



Fonte: dados da pesquisa.

Acerca do gênero resenha, escolhemos, de modo aleatório, 10 perfis de usuários ativos no *Skoob* e que tinham registrado um número relevante de resenhas. Esses números são apreensíveis pelo próprio mecanismo da barra superior do site, na seção "Resenhas", como mostrado em figuras anteriores. De cada perfil selecionado, escolhemos 3 resenhas, também de forma aleatória, para analisarmos a aparição ou não dos movimentos retóricos de uma resenha e se apresentavam alguma peculiaridade em sua realização, como, por exemplo, um movimento retórico no final ou no início. Entendemos que este não é um número expressivo a partir do qual se pode fazer generalizações sobre as resenhas no *Skoob*. É, na verdade, um caminho inicial de compreensão para elencarmos hipóteses acerca de suas escolhas em realizar determinados movimentos, em detrimento de outros. Para não tornar massiva a leitura deste artigo, dispomos de algumas figuras de demonstração, mas todas as análises foram condensadas numa tabela de demonstração da aparição ou não de movimentos retóricos.

Figura 10 – Avaliação realizada no título de uma resenha



Fonte: dados da pesquisa.

Abaixo, a figura mostra uma resenha contendo todos os movimentos retóricos aparentes para que o leitor acompanhe e saiba identificar as marcas destas etapas na construção do gênero resenha dentro do *Skoob*.

Figura 11 – Resenha completa com os 4 movimentos retóricos

18/04/2019

Por [redacted] no blog [redacted]

Harlan Coben consegue me prender em seus livros mesmo quando eles não são os meus preferidos. Já li diversas obras desse homem e nunca passei mais que 24h pra concluir a leitura. É impossível começar a ler e conseguir largar. Realmente ele nos provoca insônia... **Avaliação**

No suspense, Coben é um mestre, em minha humilde opinião. Ele sabe trabalhar bem a curiosidade do leitor e vai entregando pistas aos poucos, nisso não tenho do que reclamar dele. Apesar de ter gostado bastante de Até o fim, esse não foi um dos melhores que já li do autor. Explico. **Avaliação**

A trama central – o caso do assassinato de um policial e o desaparecimento de Maura (namorada do detetive) que poderiam (ou não) ter ligação com o suposto suicídio de 2 jovens 15 anos atrás – é bem interessante. Ela começa com um ritmo frenético e em determinado momento do livro esse ritmo desacelera, mas nada que atrapalhe o fluir da leitura. As coisas começam a se encaixar e conseguimos respostas no decorrer da narrativa. Essas respostas levam ao final que não foi nada surpreendente pra mim, visto que já tinha quase certeza de quem foi a mente que arquitetou tudo. O final não surpreendente também não foi o problema. Ele foi apenas "ok". **Apresentação - Descrição e Avaliação**

O problema mesmo, o que me incomodou deveras, foi os muitos "diálogos" entre o Nap e seu irmão gêmeo morto. Sim, ele conversa com o defunto. Ficou chato e cansativo ele o tempo inteiro se lamentando, se vitimizandando e conversando com um fantasma. Também achei que ficou totalmente em aberto e fora do contexto a "explicação" para o sumiço de Maura. Mas, "ok" também. Me incomodou, não foi surpreendente, mesmo assim vale a pena a leitura. **Desc. - Avaliação - recom.**

Gostei de conhecer o Nap. Tirando a conversa dele com o irmão, o achei um personagem bem interessante. Ele tem um tom sarcástico e um senso de justiça bem fora dos padrões que me deixou com vontade de ler outras obras com ele. Será que teremos uma nova série com ele sendo o protagonista? Tudo indica que sim... **Descrição - Avaliação**

Esse não é um dos melhores livros do Coben, porém, a fluidez do texto, o suspense arrebatador e a entrega das respostas para o mistério é o ponto mais alto do livro e só por isso ele vale muito a pena ser lido. Harlan Coben é Harlan Coben! **Aval. - recom. explícita**

site: [http://\[redacted\].com.br/2019/04/resenha-ate-o-fim-de-harlan-coben/](http://[redacted].com.br/2019/04/resenha-ate-o-fim-de-harlan-coben/)

Fonte: dados da pesquisa.

As resenhas do nosso *corpus* quase que por completo apresentavam-se em *ordem direta*, salvo algumas poucas onde um ou outro movimento aparecia em sua ordem deslocada, como bem veremos no desenrolar desta seção e nas figuras demonstrativas desse fenômeno. Elencamos, aqui, nossa proposta de categorização, a fim de facilitar a interpretação das ocorrências contabilizadas: *ocorrência mais aparente, ocorrência menos aparente, ocorrência mais facultativa, ocorrência menos facultativa*.

Conforme nos mostra a tabela abaixo, os resultados apontam para três conclusões primeiras a que chegamos:

Tabela 1 – Ocorrências dos movimentos retóricos nas resenhas

MOVIMENTOS RETÓRICOS	APARECE(M) EM X RESENHAS (EXPLÍCITOS)	NÃO APARECE(M) EM X RESENHAS (IMPLÍCITOS)
APRESENTAÇÃO	22 RESENHAS	8 RESENHAS
DESCRIÇÃO	30 RESENHAS	--
AVALIAÇÃO	28 RESENHAS	2 RESENHAS
RECOMENDAÇÃO	11 RESENHAS	19 RESENHAS

Fonte: dados da pesquisa.

1 - Os movimentos de Descrição e Avaliação são os de *ocorrência mais aparente*, tendo eles aparecido, respectivamente em 30 e 28 resenhas;

2 - Apresentação e Recomendação são os movimentos retóricos de *ocorrência menos aparente*, sendo o movimento de Recomendação o mais facultativo (o resenhador pode fazer uso ou não), uma vez que há 19 resenhas em que ele não ocorre.

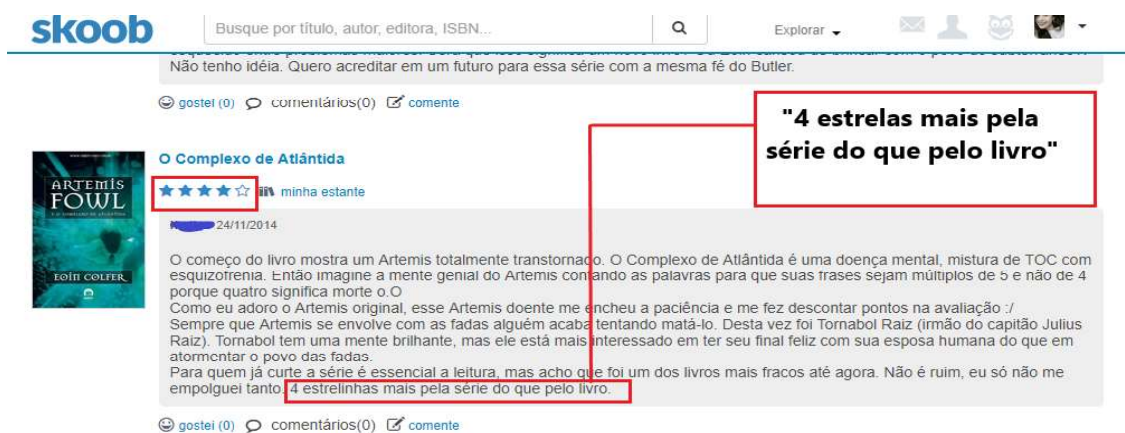
3 - Mesmo estando o movimento de Apresentação como menos aparente, este movimento se fez presente em 22 resenhas do corpus. Este número é para nós bastante expressivo, uma vez que corresponde a pouco mais de 50% do Corpus analisado. Logo, este fato nos encaminha para a especulação de que, talvez, este movimento possa dividir espaço com os de maior ocorrência aparente - Descrição e Avaliação, tendo apenas a diferença de ser o terceiro no *ranking*, comparando os números.

A escolha pelos termos "implícito" e "explícito" baseia-se no fato de que, se um resenhador faz uso de determinado movimento com recursos textuais marcados em seu texto, a referência ao movimento retórico se dá de modo explícito. No caso de referência implícita, não temos marcas textuais presentes na resenha que fazem referência a determinado movimento. O próprio *Skoob* dispõe de uma ferramenta com 5 estrelas para que os *scoobers* avaliem seu processo de leitura de determinado livro e, se ele avalia bem, inferimos que ele recomenda a leitura do livro.

Entretanto, buscamos por referências textuais, marcadas em frases como "**vale a pena conferir!**" ou "**este livro, com certeza, faz um convite a momentos de descontração.**" para enquadrarmos esse tipo de recomendação feita de forma *explícita*. A recomendação – ou não – de forma implícita ocorre quando podemos inferir com a ajuda de outros movimentos retóricos, como, por exemplo, o de Descrição ou Avaliação. Se o resenhador, ao elaborar a sua resenha, critica o modo como o autor construiu o enredo na obra ou o modo como se deu seu processo de leitura, logo ele avaliará mal a obra e não a recomendará. A mesma lógica se aplica às avaliações e descrições positivas que nos fornecem recomendação implícita. Escolhemos este movimento para atribuir-lhe mais estas duas categorias, pois julgamos que ele é o que se realiza de modo mais peculiar, nos oferecendo mais categorias para mobilizar nossa análise.

Na figura a seguir, é verificada a ferramenta de 5 estrelas para avaliação de um livro no *Skoob*, bem como a avaliação e descrições textualmente construídas de forma negativa, resultando em uma "não recomendação implícita".

Figura 12 – Construção negativa da leitura da obra/ não recomendação implícita



Fonte: dados da pesquisa.

Assim como na figura anterior onde a recomendação, que seria o último movimento, dá lugar à avaliação negativa, desembocando em uma não recomendação, conforme mostra a Figura 10, a avaliação da experiência de leitura de determinada obra, característica do terceiro movimento retórico, é expressa logo no título da resenha. Vemos materializada a dita ressignificação no fazer textual das resenhas. Julgamos essa inversão perfeitamente compreensível, uma vez que a web está sujeita às atualizações dos usuários que refletem nelas as mudanças sócio-históricas e temporais de comunicação. Até aqui esmiuçamos sobre as ferramentas e gêneros circundantes do *Skoob*. E quanto ao conjunto de palavras específicas e comuns aos *skoobers*?

3.3 Do léxico específico

Como resultado de nossa observação etnográfica em relação ao léxico específico, constatamos que este processo de formação está em pleno desenvolvimento, não tendo palavras determinadas utilizadas somente por esta comunidade de resenhadores em suas atividades. De um certo modo, isso se coaduna com a percepção do próprio Swales, pois, no trabalho de 1990, ele defendia que as terminologias são sempre específicas de uma determinada CD. Contudo, após a reformulação dos critérios, Swales (1992) passa a defender que o léxico não é algo definido e nem específico, mas está em constante mudança.

Não obstante isso, mesmo tendo observado termos que circulam entre os resenhadores do *Skoob* e entre resenhadores do *Booktube*, como, por exemplo, "book haul"⁹, chegamos a amostras de palavras

⁹Book Haul é uma atividade em que o resenhador recebe livros e impõe a si uma meta de leitura de todos eles em um determinado período de tempo. Como as atividades de

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do *Skoob*. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 28-51, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

pertencentes somente a rede social *Skoob*, o que a singulariza dentre outras redes. Estas palavras descrevem *eventos, atividades ou ferramentas* corriqueiras do uso dos *skoobers* no geral, então julgamos válido registrá-las aqui. Para tanto, elaboramos um quadro contendo cada uma dessas palavras extraídas por nossa observação, juntamente com seus respectivos significados, para que o leitor tenha conhecimento desse léxico em desenvolvimento.

Quadro 1 – Léxico da CD *Skoob*

TERMINOLOGIAS PRÓPRIAS DO SKOOB
<u>SKOOBERS</u> : Usuários do <i>Skoob</i> .
<u>PAGINÔMETRO</u> : Ferramenta que contabiliza o número de páginas lidas pelo usuários, somando todos os livros por ele registrados como "Lidos".
<u>ESTANTE</u> : Conjunto de ferramentas fornecidas pelo sistema do <i>Skoob</i> que permite aos usuários organizar suas leituras por meio de mecanismos de preenchimento como "Lido", "Lendo", "Abandonei" etc.
<u>MEMBRO PLUS</u> : Mecanismo do <i>Skoob</i> que permite fazer trocas de livros.
<u>ENCONTROS SKOOB</u> : Eventos onde os <i>Skoobers</i> se encontram para discutir e trocar experiências de leitura. Realizado em diferentes locais e inicialmente programados via criação de Grupo no <i>Skoob</i> para promoção do evento.
<u>DESAFIO LITERÁRIO</u> : Eventos em que os <i>Skoobers</i> estabelecem uma meta de leitura de livros para um período restrito de tempo. Pode ser programado via criação de Grupo no <i>Skoob</i> para promoção do evento.

Fonte: dados da pesquisa.

Assim como no contexto da vida real, no mundo digital, é comum que os indivíduos se utilizem dos processos de formação de palavras por composição ou derivação para nomear o que desejam e não encontram uma palavra presente no vocabulário usual para tanto. Tendo em vista

resenha se espriam para além do site *Skoob*, sendo praticada também no *Booktube*, este termo não é exclusivo do *Skoob*, não entrando na tabela. Capturamos este termo no *Skoob* através da descoberta do vínculo do *Skoob* com outras redes sociais e sites como o *Youtube*.

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do *Skoob*. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 28-51, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

que a língua é viva e é social, ela se faz mais permissiva a mudanças por não ser institucionalizada. Logo, o processo de neologismo feito pelos usuários de um sistema linguístico é perfeitamente compreensível. Temos em nosso léxico social palavras como "internetês", "retweet", "zap (*WhatsApp*), "tuitar", "postar", "stalkear", todas circulando em torno dos ambientes digitais, com suas razões de ser e significações.

Conforme mostra Araújo (2009: 220), em sua etnografia em uma CD que se reunia em uma determinada sala de chat, "as CD apresentam especificidade lexical, causando estranhamento para os que não participam do grupo". Em sua análise, o autor analisou o critério lexical de CD de várias maneiras, mas, no trabalho aqui citado, ele demonstra "o fenômeno da formação de palavras como uma marca relevante no léxico" da CD por ele estudada (ARAÚJO, 2009: 220). Esse aspecto é importante para o nosso trabalho porque o processo de formação de palavras também é um dado que aparece em nosso corpus, conforme mostramos na figura 13, abaixo.

Figura 13 – Paginômetrocirculado



Fonte: dados da pesquisa.

Como evidenciamos no exemplo, acima, a palavra **paginômetro** é formada por derivação sufixal, em que temos o radical "página" + sufixo "ômetro". Este vocábulo nos remete à ideia de medição e mensura. Na etnografia realizada por Araújo (2009: 221) ele afirma entender que "criar palavras, anexando sufixos à base [...], denota um desejo coletivo de expressar a identidade e os valores do grupo". Desta forma, no contexto das práticas culturais da CD dos *skoobers*, a palavra **paginômetro** significa quantificar o número de páginas lidas por cada indivíduo cadastrado e que mantém atualizado o registro de livros lidos no *Skoob* e, obviamente, está associada à busca de capital social entre os membros deste grupo.

4. Conclusão

Ao fim do nosso exercício de análise pudemos constatar que o *Skoob* dispõe de usuários que atendem aos critérios de uma autêntica CD à medida que considera os critérios recortados para esta análise. Ainda que toda pesquisa científica necessite fazer recortes em seu objeto de análise, tendo em vista que é grande o universo em torno desse objeto, suas variáveis e seus fenômenos, nossa observação etnográfica nos fez perceber, também, a materialização dos critérios não contemplados nesta pesquisa.

Demonstramos a flexibilidade e adaptabilidade da teoria das CDs de Swales (1990,1992), antes testada nos ambientes acadêmico, jurídico e profissional e, neste artigo aplicada em ambientes de redes sociais, uma vez que, a partir da etnografia virtual, encontramos os indícios que atenderam aos objetivos específicos e gerais, legitimando os resenhadores do *Skoob* como genuína CD.

No que concerne aos objetivos específicos deste estudo, vimos que os resenhadores do *Skoob* manejam gêneros para sua comunicação, principalmente a resenha, mas, além da resenha, constatamos a presença de outros gêneros como o comentário, o chat de bate-papo e a sinopse, que atendem às necessidades enunciativas desta CD. Além disso, fazem uso de outros mecanismos de intercomunicação e participação, como, por exemplo, grupos de ajuda aos *skoobers* mais novos na plataforma, bem como registro de reações com emojis e comentário nas resenhas uns dos outros. Dispõem, ainda, de um léxico particular que os singulariza de outras comunidades em outras redes, mas que se encontra ainda em processo de formação e consolidação.

Por fim, consideramos que existem lacunas sobre este objeto de estudo que poderão ser sanadas a partir do desenvolvimento de futuras análises acerca de outras óticas sobre o universo *Skoob*, logo não tratamos este artigo como um estudo absoluto, mas reconhecemos que as observações aqui realizadas e as teorias que embasaram nosso estudo, podem ser refinadas, movimentando a produção científica acerca dos processos de reelaborações de gêneros em redes sociais ou em outros ambientes digitais da internet.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, A. D. Lexical signalling: a study of unspecific-nouns in book reviews.1996. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do *Skoob*. *Revista Intercâmbio*, v. XLV: 28-51, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ARAÚJO, J. *et al.* O ato de resenhar no *Skoob*. *Letras em Revista*, Teresina, v. 9, n. 1, jan./jun., p. 107-118, 2018.

ARAÚJO, J. A comunidade discursiva dos Tananans: uma experiência etnográfica em sala de chat. In: RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J.; SOUSA, S. C. T. (Org.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 205-226.

BEZERRA, B. G. A distribuição das informações em resenhas acadêmicas. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

BIASI-RODRIGUES, B.; HEMAIS, B.; ARAÚJO, J.C. Análise de gêneros na abordagem de Swales: princípios teóricos e metodológicos. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J.; SOUSA, S. C. T. (Org.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 17-32.

BIASI-RODRIGUES, B. Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

LIMA, J. G. *et al.* Reelaboração do gênero resenha no YouTube. In: LIMA, J. A. *et al.* (org.) *Atas do IV Encontro Internacional de Jovens Investigadores – JOIN 2018*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2019.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MOREIRA, L. Sem o *Skoob* eu não teria conhecido estas pessoas que me mostraram o lado mágico de um bom livro. *Biblioo*, 2013. Disponível em: <<https://biblioo.cartacapital.com.br/skoob-lindenberq-moreira/>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2018.

MOTTA-ROTH, D. Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela H. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do *Skoob*. *Revista Intercâmbio*, v. XLV: 28-51, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

SCHWARTZ, M.; SCHWARTZ, C. Problems in participant observation. In: McCALL, G; SIMMONS, J. (Eds). *Issues in participant observation: a text and reader*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1969, p. 89-105.

SWALES, J. *Research Genres. Explorations and Applications*. Cambridge University Press, 2004.

_____. *Other floors, other voices: a textography of a small university building*. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum, 1998.

_____. Genre and engagement. *Revue Belge de Philologie et D`Historie*. v. 71, 1993, p. 687-698.

_____. Repensando gêneros: uma nova abordagem aos efeitos da comunidade discursiva. Comunicação apresentada no "Re-thinkinggenre colloquim", realizado na Universidade de Carleton, Ottawa, em abril de 1992 (Tradução de Benedito Bezerra)

_____. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. Research into the structure of introductions to journal articles and its application to the teaching of academic writing. In: WILLIAMS, R., SWALES, J., KIRKMAN, J. (ed.) *Common ground: shared interests in ESP and communication studies*. Oxford: Pergamon Press, 1984. p. 77-86.

VIEIRA, W. L. A comunidade discursiva dos *booktubers*: percursos de análise de comunidades virtuais. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará (UFC), 2018.